

Comptoir National d'Escompte de Paris. Mais je n'ai personne pour s'occuper de toucher cet argent. Pour moi, je ne puis faire un seul pas hors du lit. Et j'ai de l'argent sur moi que je ne peux même pas surveiller. Que faire? Quelle triste vie! Ne pouvez-vous m'aider en rien?"

O diagnóstico foi câncer generalizado; após a amputação da perna direita, Rimbaud continuou a sentir dores horríveis, e o perseguia a obsessão de vir a perder também a perna esquerda. A mãe, que viera vê-lo em Marselha, e recebera o produto da liquidação dos negócios de Rimbaud, não pôde permanecer à cabeceira do filho. No hospital, elle escreveu uma série de cartas à irmã mais nova, Isabelle, que mal conhecia, e que se projetou, como uma sombra de afeto, sobre os seus dias amargos da mutilado. Para exacerbar ainda mais sua angústia, o fato de não ter feito o serviço militar lhe trouxe novas inquietações, que só cessaram com o esclarecimento de que, estando seu irmão Frédéric no exército, era considerado isento.

No verão, Rimbaud deixou o hospital, de muletas, e foi para a companhia de sua família, na Roche. Lá, voltou a ver a sua irmã Isabelle; o ambiente, porém, não lhe agradava, pois chovia, fazia frio, e o tempo era enevoado. Não bastasse isso, eram habituais as brigas com sua mãe, a rude Vitalie que recebera seus milhares de francos, em Marselha, com uma avidez censurável e se apressara a deixá-lo num leito de hospital.

Incompreendido, Rimbaud só alimentava um desejo: voltar de novo para a África. Após um mês de permanência na atmosfera familiar, durante a qual fez uma visita a Charleville, Rimbaud retornou a Marselha, em companhia de Isabelle, numa viagem penosa, que não

quis interromper, tanto assim que, alcançando Paris, se recusou a pernoitar ali.

Internado pela segunda vez no hospital de la Conception, Rimbaud admitia que seria rápida sua temporada ali — os médicos, porém, já tinham advertido Isabelle de que seu irmão não escaparia.

Isabelle foi a única presença confortadora para Rimbaud, já no pórtico da morte. Elle chorava e blasfemava, inconformado com o destino, e queixando-se dos atrozes sofrimentos que não o deixavam dormir. Costumava dizer à irmã: "Irei para debaixo da terra e caminharás ao sol!"

Tanto insistiu Isabelle que Rimbaud terminou concordando em receber a visita de um capelão que, por duas vezes, já o procurara inutilmente.

Estes dias derradeiros de Rimbaud suscitam controvérsias. Segundo o depoimento de Isabelle, em seu livro e em cartas, elle se converteu ao catolicismo e teve uma morte edificante. Para seu amigo Riès, que o visitava quase diariamente no hospital, esteve a seu lado durante a amputação da perna e o viu morto, Rimbaud, vociferante, não se conformava com a morte. De qualquer modo, o padre não pôde dar-lhe a comunhão; temia que, dado o estado do doente, que nada podia ingerir, houvesse uma profanação involuntária.

Agonizando, elle chamava Djami, o criado abissínio, a quem deixaria um legado de três mil francos que, remetido para Harrar, não alcançaria o beneficiário, que também falecera. Em seu delírio, ora transparcia o tenaz desejo de voltar à Etiópia, ora o agonizante se descrevia na atmosfera africana.

No dia 9 de novembro, parcialmente lúcido, elle ditou a Isabelle uma carta para uma companhia de navegação: "Je suis complètement paralysé, donc je